

Educomunicação, Competência Comunicativa e estado de direito: educação para o uso das redes sociais

Educommucation, Communicative Competence and rule of law: education for the of social networks

Alessandro Rezende da Silva¹

Helenice Aparecida de Oliveira²

Resumo: O estudo foi orientado a um grupo focal de alunos de 10 anos que estudaram em uma escola pública do Distrito Federal, no ano 2018. Partindo da pergunta: como a instituição pública educa seus alunos para o uso da comunicação virtual? Dessa maneira, objetiva-se colocar em discussão sobre o direito de comunicação em um estado de direito formado por uma burocracia hierárquica tradicional. O Distrito Federal possui uma população estimada em 2 milhões de habitantes, dividida em 31 cidades satélites. Foi utilizado o método de investigação-ação, com técnica de entrevistas, análise de dados sobre a atuação dos alunos nas redes sociais, com observação sobre o paradigma técnico-econômico que critica novos compromissos para a sociedade da informação. A informação e o conhecimento são indispensáveis para qualquer atividade dentro das organizações e, por isso, é preciso retirar os exageros utópicos que configuram a “computopia”.

Palavras-chave: Educomunicação. Competência comunicativa. Sociedade da informação.

Abstract: The study was aimed at a focus group of 10 years old students who studied at a public school in the Federal District, in 2018. Starting from the question: how does the public institution educate its students to use virtual communication? In this way, the objective is to discuss the right to communication in a state of law formed by a traditional hierarchical bureaucracy. The Federal District has an estimated population of 2 million

¹ Pós Doutor em Direitos Humanos (UFG/Brasil), Doutor em Ciências Sociais (FLACSO/Equador), Mestre em Ciência Política (Unieuro/Brasília), graduado em Comunicação Social. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3713-7302>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1265073533241501>. E-mail: alessandroligadf@gmail.com.

² Mestre em Linguística (UnB/Brasil), graduada em Letras/Português (Universidade Católica de Brasília). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2039-5527>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3828881860231488>. E-mail: niceao1@gmail.com.

inhabitants, divided into 31 satellite cities. The action research method was used, with interview techniques, data analysis on students actions on social networks, with observation on the techniques-economic paradigm that criticizes new commitments to the information society. Information and knowledge are indispensable for any activity within organizations and, therefore, it is necessary to remove the utopian exaggerations that constitute “computopia”.

Keywords: Educommunication. Communicative competence. Information society.

Introdução

A região metropolitana do Distrito Federal (DF) é diferente de outras regiões brasileiras porque essa região está dentro de dois outros estados: Goiás e Minas Gerais. A Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE) é formada por municípios situados no entorno do DF, totalizando 27. Nos demais estados brasileiros, suas regiões metropolitanas estão inseridas nos próprios estados, o que possibilita uma melhor adequação, conforme se propõe um Estado Federalizado como o Brasil.

Sendo assim, o Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), sofreu modificações para melhor atender os questionamentos sobre a qualidade do ensino das Unidades Federativas do Estado, assim como, aumentar a preocupação com os profissionais da educação. Assim, após aprovação da proposta de emenda da Constituição (PEC 53/2006), seu nome passou a ser Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação.

Devido à falta de infraestrutura, nos pequenos e médios municípios há uma migração direcionada às metrópoles. Conforme os dados de 2018 do Instituto Anísio Teixeira (INEP, 2018), as matrículas da educação básica das escolas públicas estão concentradas em 88,7% em áreas urbanas. Para uma melhor compreensão, a rede privada de ensino mantém 99% de seus estabelecimentos em áreas urbanas. No entanto, são as escolas municipais as responsáveis pelas matrículas nas escolas rurais (5,2%). São

para os municípios, a responsabilidade pela oferta de ensino para as crianças na educação básica (67,8%).

Em 2018, houve uma tentativa de modificar o cenário da pedagogia e da didática ao incrementar a escola de tempo integral, com 9,4% de alunos matriculados. Um decréscimo gigantesco, pois em 2017 a taxa de matriculados na escola integral era de 13,9% (INEP, 2018). Em uma comparação entre a rede pública e a rede privada: a rede privada possui 2,2% do total de alunos matriculados em tempo integral, enquanto na rede pública significa 10,9%.

O DF apresenta dados melhores sobre a educação, se comparado com outros estados, talvez pelo seu tamanho e institucionalidade mais fortes. Segundo o censo de 2018, todos os alunos matriculados representam 109.938 estudantes no DF (IBGE, 2019). Dentro desse cenário, aparecem alunos que estão na relação idade/classe incompatíveis devido a reprovação escolar. Dessa forma, há uma necessidade de se analisar as causas e as consequências dessa disparidade no ensino das escolas públicas.

Metodologia

Com o objetivo de dinamizar e melhorar a produtividade do ambiente escolar, algumas ferramentas educativas são utilizadas nas escolas. O público estudado foram estudantes dos últimos anos de educação fundamental II: 9º ano, com o público de 240 estudantes assíduos em aula. Os alunos consecutivamente repetentes, na mesma série, são transferidos para outra escola. As escolas têm autonomia para modificar suas regras, desde que não firam a política pública de educação organizada e mantida pela Secretaria de Educação do DF.

A metodologia representa a maneira disposta pelo investigador para desenvolver sua intencionalidade investigativa com as dimensões orientadas pelo rigor científico que são fundamentais para a pesquisa (Martins;

Varani, 2012). Sendo assim, o investigador pode construir caminhos, desenvolver metas que conduzem ao objetivo da investigação proposta por ele.

O papel da metodologia consiste em manter o controle de detalhes de cada técnica auxiliar usada na investigação. A preocupação metodológica dos pesquisadores permite apontar riscos e criar condições satisfatórias para uma combinação de técnicas apropriadas aos objetivos da pesquisa. Dessa maneira, o método que melhor se adequa à proposta deste trabalho é a investigação-ação (Thiollent, 2011). Segundo Thiollent (2011, p. 34), “a proposta de pesquisa-ação está muito distante das preocupações metodológicas relacionadas com a formalização ou com as questões de lógica em geral”.

A linguagem educativa para os adolescentes da educação básica (14 anos em média), deve primar pela educação do século XXI. Para este estudo, a preocupação se dá com as ferramentas utilizadas na educação e na comunicação que, juntas, formam a educomunicação, observando a taxa de reprovação de 10% em diferentes anos escolares. A escola estudada está localizada na cidade satélite de Santa Maria, na periferia do Distrito Federal, e distante 35 Km do centro de Brasília.

Tabela 1: Escola Centro de Ensino 103 – Santa Maria

TOTAL DE ALUNOS ATENDIDOS	1.284
QUE ESTUDAM NO PERÍODO DA MANHÃ	500
QUE ESTUDAM NO PERÍODO DA TARDE	784
QUANTIDADE DE TURMAS DE 9º ANO NA MANHÃ	5 TURMAS
QUANTIDADE DE TURMAS DE 9º ANO À TARDE	5 TURMAS

QUANTIDADE DE ALUNOS POR TURMA	42 ALUNOS MATRICULADOS, MÉDIA
--------------------------------	-------------------------------------

Fonte: Autores (2024).

A escola Centro de Ensino 103, em Santa Maria/DF, atende alunos de distintos anos escolares, mas o foco deste trabalho são os alunos do 9º ano. É evidente que poderia ser qualquer ano de escolaridade. O grupo analisado tem 60% de alunas e 40% de alunos.

Outra preocupação deste trabalho é direcionado à competência comunicativa. O termo competência é utilizado na dicotomia competência e desempenho proposto por Noam Chomsky em 1965. Segundo o autor, a competência corresponde à capacidade inata que o indivíduo tem de produzir, de compreender e de reconhecer a estrutura de todas as frases de uma língua. O Desempenho, por sua vez, é percebido pelo mesmo autor como relacionado ao uso, sendo determinado pelo contexto onde o falante está inserido. Os estudos chomskyanos sobre a linguagem contemplam um falante-ideal desconsiderando os aspectos socioculturais presentes nos contextos de uso da linguagem.

Hymes (1972) no texto: “On Communicative Competence”, manifesta sua discordância em relação à dicotomia defendida por Chomsky (1965). O autor argumenta que não há aquisição de língua fora do contexto social, mostrando a importância de observar o falante e o ambiente real e não o idealizado/perfeito, trazido por Chomsky, para o desenvolvimento da Competência Comunicativa. Em sua teoria, a Competência Comunicativa pode ser entendida como o aspecto da competência de uso de uma língua que possibilita ao falante transmitir e interpretar mensagens, e negociar significados interpessoalmente dentro de determinados contextos.

Mais adiante, Canale & Swain (1980), retomam as discussões sobre o assunto. A teoria desses autores sugere que a Competência

Comunicativa se relaciona à teoria de ação humana e a outros sistemas de conhecimento. O referido termo foi, então, subdividido por eles em: Competência Gramatical, Competência Sociolinguística, Competência Estratégica e Competência Discursiva. A primeira competência está relacionada ao domínio do código, ao conhecimento de termos lexicais e às regras de morfologia e sintaxe. A segunda, por sua vez, envolve as regras socioculturais de uso e as regras do discurso. A terceira está relacionada às estratégias que compensam a competência insuficiente e contribuem para tornar a comunicação mais eficiente. Por fim, a quarta competência refere-se à capacidade de combinar formas gramaticais para tecer um texto coeso e coerente.

Almeida Filho (1993) desenvolve um estudo ampliando o escopo das competências, envolvendo não somente o conceito de Competência Comunicativa, mas também das demais competências necessárias a um profissional do ensino de línguas, iniciando os estudos sobre competências no Brasil. Segundo este autor, dentre essas competências figuram: a Competência Linguístico-Comunicativa, a Competência Implícita, a Competência Aplicada associada a Subcompetência Teórica, e a Competência Profissional. Referindo-se aos professores, o pesquisador supracitado (2006) define as competências como “capacidades de tomada de decisões geralmente espontâneas e instantâneas num quadro de posições ou atitudes do professor”. Sendo assim, é inegável que estas carregam características individuais, sofrendo, portanto influencia a capacidade de ensinar dos professores.

Para auxiliar a compreensão de como e por que atuam da maneira como atuam os professores e alunos de línguas, propusemos, há algum tempo (Almeida Filho, 1993), o reconhecimento de cinco (5) competências. As duas primeiras e mais básicas são (a) a competência linguístico-comunicacional e (b) a competência espontânea implícita. Com essas duas habilitações, um professor já pode começar a ensinar embora de uma maneira muito tosca ou não-profissional.

As três outras competências são refinamentos da base. Aí estão (c) a competência teórica, (d) a competência aplicada ou sintética e (e) a competência profissional. A competência de comunicação é a única de natureza distinta das demais. Ela se refere à capacidade e uso efetivo da língua-alvo em contextos de comunicação social. Estão localizados, nessa competência, diversos aspectos do uso apropriado da língua-alvo.

A competência teórica produz um referencial de conhecimentos científicos ou pelo menos formais que poderá reagir com aspectos correspondentes da competência implícita para fazer emergir a inovação possível revelada por uma competência aplicada. A competência profissional começa por reconhecer o valor de ser professor de língua e segue oferecendo momentos de reflexão e análise que fazem avançar a atuação geral do professor. O poder de reflexão da competência profissional é de vital importância para o desenvolvimento do professor.

Educomunicação e Ação Comunicativa

A educomunicação significa a criação e as relações de comunicação na escola, entre a direção, os profissionais da educação e os alunos. Desenvolver propostas dinâmicas entre a escola e a comunidade, criando assim, ambientes abertos e democráticos, são dinâmicas adotadas que demonstram contradições com as formas autoritárias de comunicação, como por exemplo, comunicação hierarquizada.

Segundo Soares, Viana & Xavier (2017), a educomunicação está destinada: 1) manter a integralidade às práticas educativas ao estudo sistemático dos sistemas de comunicação, 2) criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos e 3) melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas, como por exemplo, a utilização da internet. Para Echeverri, Rodriguez & Rodriguez:

La consolidación de una sociedad de la información se basa en el acceso a cuatro servicios de conectividad: la telefonía fija, la

telefonía móvil, la banda ancha fija y banda ancha móvil. Según el Informe “Sociedad de la información”, en 2016 se avanzó en la conectividad mundial a través de estos servicios, que evidencia un mejoramiento en el acceso a Internet en los hogares y a nivel personal, excepto en telefonía fija, que presenta una tendencia a la baja. (Echeverri; Rodriguez; Rodriguez, 2019, p. 3).

De outro modo, a transformação de um fluxo de informação necessita de investimento de recursos para desenvolver a educação como política pública. No caso da escola Centro de Ensino 103, existe um laboratório de informática com 45 computadores e acesso a internet para que os alunos tenham noções de informática uma vez ao mês. Os alunos somente têm acesso à internet grátis, acesso pelo wifi, no período da recreação para evitar problemas com o déficit de atenção na educação. Esse acesso é liberado para os alunos que possuem aparelhos celulares compatíveis.

A escola comprou um sistema de informática para que todos (direção, profissionais da educação, alunos, pais e comunidade) possam ter acesso aos conteúdos das aulas. Todos os professores publicam: material didático, notas, faltas ou atividades pedagógicas para que os que possuem a permissão de acesso possam visualizar e acompanhar o desenvolvimento da educação. Ex alunos ou alunos transferidos da escola são automaticamente retirados do sistema e não terão acesso interno ao sistema. Para a educomunicação, o mais importante é a participação efetiva dos atores sociais para modificar realidades que possam atrasar o processo de uma sociedade da informação.

Para a competência comunicativa, a capacidade de reflexão dos professores é necessária para que haja algo mais do que o saber implícito (a competência implícita, na verdade). Isso se obtém por meio da competência teórica, ou seja, dos conhecimentos teóricos resultantes de pesquisa sobre o objeto vivo que representam os processos interdependentes de ensinar e de aprender línguas. O saber teórico relevante e central para a reflexão que faz evoluir o professor é o conhecimento sobre o processo de ensinar e de aprender língua (s) que ocorre nas salas de aula e suas extensões. Não é todo conhecimento teórico, portanto, que vai ser relevante para o professor.

É sabido que a estruturação para a vida cotidiana é movida pela informação, mesmo que seja desigual ou com acesso fragmentado. Essa determinação das interações entre indivíduo e a informação significa a construção do conhecimento (Cortez; Martins; Souza, 2018).

A educomunicação necessita que sejam observados os seguintes procedimentos: 1) é primordial planejar e prever conjuntos de ações no contexto do plano pedagógico das escolas e não nas ações isoladas, 2) todo planejamento deve ser participativo com o envolvimento de pessoas ou agentes públicos, beneficiários diretos ou não no modelo, 3) as relações de comunicação devem ser sempre abertas para dificultar que pessoas detenham poder em demasia e 4) o objetivo principal é o crescimento da auto-estima e da capacidade de expressão das pessoas com indivíduos e com o grupo.

No caso da competência comunicativa, segundo Almeida Filho (1993, p. 14), uma melhor análise deve seguir 9 faixas avaliativas:

Faixa 1

Neste primeiro nível o aprendiz interage com precariedade com outro falante ou interlocutor mais capaz na língua que ele/ela já reconhece. Compreende palavras, expressões, frases curtas, comandos, cumprimentos e agradecimentos. Na modalidade escrita o uso é ainda mais restrito, havendo reconhecimento de palavras nos textos curtos, tais como termos em uma ficha para preenchimento com dados pessoais, buscando adivinhar sentido de palavras ou partes delas, empregando para isso estratégias específicas de compreensão.

Faixa 2

O aprendiz é capaz de compreender textos orais e escritos curtos relacionados ao seu cotidiano familiar e escolar. Compreende bem as

instruções dadas na língua-alvo relacionadas às atividades escolares e recreativas propostas pelo professor. O usuário interage por meio de enunciados simples e curtos para cumprimentar, se despedir, informar dados pessoais, familiares e questões simples relacionadas ao seu ambiente escolar, como compreender a ideia geral de um texto contado pelo professor, e identificar e produzir expressões relacionadas a temas conhecidos.

Faixa 3

Nessa faixa, espera-se que o aprendiz seja capaz de compreender, de forma global, textos orais e escritos que estejam relacionados não só ao seu cotidiano, mas também a temas da vida atual e de apresentar certa fluência oral, ainda que muito parcial e incipiente, produzindo frases curtas e desvios sistêmicos para se comunicar. Deve usar algumas formas verbais oralmente e por escrito sem, necessariamente, dominar a metalinguagem. A avaliação dos alunos poderá ser realizada por meio de interação entre pares com deslocamento do professor avaliador entre pares de alunos ou pequenos grupos.

Faixa 4

O estudante deverá desenvolver recortes das quatro habilidades linguísticas, adequados à situação comunicativa, num nível liminarmente fluente para estabelecer contatos na língua-alvo. Nesse processo, espera-se que o aprendiz seja capaz de compreender e de produzir frases mais complexas e de forma fluente para tratar de assuntos relacionados ao seu cotidiano. Deve também desenvolver a compreensão da linguagem oral de forma que o permita identificar o idioma por meio de sotaques mais reconhecíveis para o aluno da língua-alvo. A avaliação dos estudantes poderá ser desenvolvida por meio de uma curta entrevista oral, além de uma prova

escrita, acrescida do possível uso de aplicativos no computador que verifiquem o nível de articulação de um candidato na língua-alvo.

Faixa 5

O aprendiz pode lidar com textos escritos e orais, buscando compreensão internamente, às vezes, em diálogo consigo mesmo, respondendo a indagações por escrito ou conversando sobre um texto para evidenciar seus sentidos, os do autor, e os que se apresentam aos leitores e interlocutores. Nesse nível, estamos buscando principalmente veículos impressos ou eletrônicos com tratamento não-especializados ou de divulgação científica dos tópicos do universo escolar, pré-universitário e pré-profissional. Está subentendido que para a demonstração dessa capacidade os alunos possam participar de uma prova com textos orais (possivelmente gravados) e escritos sobre os quais se escreve e se conversa numa banca de entrevista.

Faixa 6

O aprendiz lida com textos escritos e orais com tratamento especializado dos tópicos acadêmico e pré-profissional. Já consegue se relacionar com outro interlocutor mais capaz na língua com determinada fluência, de modo a participar bem de interações no âmbito social, acadêmico e pré-profissional. É capaz de produzir textos claros e detalhados sobre temas diversos e do seu âmbito de especialização, inclusive em um gênero discursivo diferente do que lhe foi apresentado na língua-alvo, como produzir uma resenha a partir de um filme ou elaborar notas de resumo de uma palestra ou seminário.

Faixa 7

O aprendiz interage por meio de diversos textos orais e escritos do âmbito social, acadêmico e profissional. Domina gêneros acadêmicos específicos e temas de sua especialização; já atuam na sua área profissional se expressando de maneira espontânea. É capaz de reconhecer gêneros específicos de sua formação profissional e produzir textos claros, estruturados e detalhados sobre os temas da sua especialização. Este usuário possui determinada capacidade estratégica, podendo reconstruir seu discurso a partir de vocabulário sinônimo ou estruturas unívocas as que deseja expressar.

Faixa 8

O aprendiz apresenta desempenho mais convincente em gêneros convencionais e menos convincente em campos como, o do humor, da política, economia, trabalhos de câmaras legislativas. O aprendiz nesse nível reconhece variantes da língua, pode relacioná-las a grupos étnicos e países e se expressa com coerência numa dessas variantes que cultivou. Possui vocabulário amplo e especializado em sua área maior de formação, podendo ler e discutir artigos científicos e publicar textos nessa modalidade.

Faixa 9

O aprendiz demonstra compreensão aprofundada de uma variedade de temas em gêneros orais e escritos. É capaz de participar de reuniões, debates, exposição de conteúdo, no âmbito pessoal e profissional, mostrando acordo e desacordo com polidez diante de uma opinião e/ou proposta, opinando sobre temas diversos do cotidiano e mundo do trabalho. Discute planos e projetos submetidos. Escolhe registro adequado para os diversos contextos e repertórios variados para dar conta dos argumentos que desenvolve. Atende a critérios de coerência e coesão nos gêneros que exercita, empregando estratégias verbais e não-verbais para compensar as raras falhas em situações de produção. É capaz de distinguir as variantes

linguísticas de culturas distintas, tratando com destreza de obras literárias, culturais e científicas.

Conclusão

A forma de representar o conhecimento teórico para professores, alunos e terceiros agentes é crucial. Muitas vezes, esse conhecimento não está disponível em uma linguagem acessível, dificultando a compreensão. Quando isso ocorre, professores capacitados e com acesso à teoria relevante precisam intervir para transformar o cenário. Por isso, é fundamental avaliar os níveis de produção em outra língua e o desenvolvimento dos aprendizes conforme os parâmetros do Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas. Além disso, é importante observar os níveis de desenvolvimento da Competência Comunicativa.

Segundo Werthein (2000, p. 72), o foco excessivo na tecnologia pode alimentar uma visão ingênua de determinismo tecnológico, na qual as transformações em direção à sociedade da informação são vistas como resultados puramente técnicos e neutros, alheios à interferência de fatores sociais e políticos. Nada poderia estar mais errado: os processos sociais e a transformação tecnológica resultam de uma interação complexa, onde fatores sociais pré-existent, a criatividade, o espírito empreendedor e as condições da pesquisa científica influenciam o avanço tecnológico e suas aplicações sociais.

Referências

ALMEIDA FILHO, J. C. P. Ensinar uma nova Língua para a Aquisição. Disponível em: <http://www.sala.org.br/index.php/estante/academico/68-ensinar-uma-nova-lingua-para-a-aquisicao>. Acesso em: 15 out. 2023.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Linguística aplicada, ensino de línguas e comunicação*. Campinas: Pontes Editores/Arte Língua, 2005.

ALMEIDA FILHO, José Cardoso P. (Org.) *Parâmetros atuais para o ensino de português língua estrangeira*. São Paulo: Pontes Editores, 1997.

ALMEIDA FILHO, José Cardoso P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. 7. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2013. Edição Comemorativa.

CASTELLS, M. *Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORTES, Tanisse Paes Bóvio Barcelos; MARTINS, Analice de Oliveira; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. *Educação midiática, educomunicação e formação docente: parâmetros dos últimos 20 anos de pesquisas nas bases Scielo e Scopus*. Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 34, 2018.

ECHEVERRI, Gabriel Lotero; RODRIGUEZ, Luis M. Romero; RODRIGUEZ, Amor Pérez. Tendencias de las publicaciones especializadas en el campo de la educomunicación y alfabetización mediática latinoamericana. *Interface* (Botucatu), v. 23, Botucatu, 2019. Epub 30 maio 2019.

HYMES, D. E. L. L. On communicative competence. In: PRIDE, J. P.; HOLMES, J. (Eds.). *Sociolinguistics: Selected readings*. Harmondsworth: Penguin, 1972.

IBGE. Censo populacional 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/df/.html?>. Acesso em: 25 ago. 2023.

INEP. Censo Escolar 2018. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_censo_escolar_2018.pdf. Acesso em: 25 ago. 2023.

REVISTA HELB. A Origem do Inglês instrumental. Disponível em: http://www.helb.org.br/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=1080&Itemid=11. Acesso em: 09 out. 2023.

SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil. *Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural*. São Paulo: ABPEducom, 2017.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2011.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. Brasília: *Revista Ciência da Informação*, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000.